

A GLÓRIA ATEMPORAL E SUSTENTÁVEL DE *ANIMAIS NOSSOS AMIGOS* (1911)

Cristina Nobre

Embora Afonso Lopes Vieira (1878-1946) soubesse e tivesse deixado num fragmento inédito o pensamento filosófico quase epicurista de que a 'glória é uma coisa vã' (Nobre, 2005 II), facto é que com o seu primeiro livro de poesia em Portugal, efetivamente escrito e adequado a um público infantil – *ANIMAIS NOSSOS AMIGOS* – publicado em 1911 com belíssimas ilustrações do amigo e arquiteto Raúl Lino, não apenas inaugurou o género poesia para a infância como conheceu um verdadeiro sucesso que até aos dias de hoje não parou de crescer.

Passados que estão os 75 anos sobre a morte do autor e escritor cuja obra para adultos passa mais ou menos por esquecida – e com a sua obra liberta dos direitos de autor – não há criança que não lhe associe algum poema deste conjunto de oito retratos e gravuras de animais. Tem sido, aliás, o seu livro mais reeditado entre nós ao longo de mais de 122 anos, resultado da integração no cânone escolar (é recomendado para o 2.º ano do 1.º ciclo no PNL) e da adesão singular dos pequenos leitores de todas as gerações.

A 1.ª edição surgiu como resposta clara de Afonso Lopes Vieira à pobreza de textos adequados aos *bebés* e à sua educação artística, tal como Eça de Queirós deixara explícito numa das suas *Cartas de Inglaterra*, intitulada "Literatura de Natal". Preocupados com a questão educativa no nosso país e então no quadro da 1.ª República, o escritor e Raul Lino, projetam um modelo de escolas regionais, que acaba por não receber muita aceitação. Estavam acompanhados por um grupo de intelectuais portugueses, como António Sérgio ou João de Barros. O poeta passa à ação com um livro de poesia como não se tinha visto ainda em Portugal – com temática e organização formal adequada ao nível de desenvolvimento psicológico dos mais pequenos. Daí que a palavra poética deveria aparecer como uma constante rítmica, interpretada por desenhos apelativos. Quem melhor do que Raul Lino (pai de duas filhas, hóspedes frequentes do escritor em S. Pedro de Moel) para 'ilustrar' este papel?

A receção crítica ao livro foi muito boa (se excluirmos alguns reparos relativos ao poema "O lobo e São Francisco de Assis"...) e, em 1920, conhecia uma tradução para espanhol, *Animales amigos*, com ilustrações de Arturo Ballester e Raul Lino; ficou na gaveta a tradução francesa, de Philéas Lebesgue e uma outra, planeada e iniciada para alemão por Louise Ey; em 1931, com ilustrações de Maria de Lourdes, a 2.ª ed. portuguesa veio a lume, reeditada pelo 'serviço de escolha de livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias'; em 1973 há uma 3.ª, ilustrada por Eugénio Silva; em 1992, pela ed. Cotovia, nova edição fac-similada sobre a 1.ª ed.; em 1997, uma 5.ª, ilustrada por Isabel Flavila; em 2016, uma 6.ª, da ed. Atlêtheia, com ilustrações de Gulliver Vianeij; e agora, em dezembro de 2021, da ed. Parsifal, com belíssimas ilustrações de Dina Sachse.

É precisamente das ilustrações de Dina Sachse (Vila Nova de Gaia, 1979), licenciada em Design de Comunicação e já com vários prémios na área da ilustração para a infância (prémio Matilde Rosa Araújo, 2017, com *O Senhor Rimas*, entre outras designações) que gostaria de tecer breves considerações. Atingem-nos com uma rara sensibilidade, reveladora de um estilo muito particular e de uma personalidade estética distinta. As figuras dos animais aparecem geometrizados em 'origamis' ao alcance da imagética da infância, cercados e num pano de fundo paisagístico de colagens e cores suaves. Os contrastes de cor, quando usados, ajudam a interpretação e desambiguação de alguma parte dos poemas. A ilustração do poema de abertura, "O cão", é especial pela sua sensibilidade interpretativa: a sombra do cão, na qual o cego pode seguir caminhos, figuração dos olhos iluminados do seu dono. Os humanos apresentam-se

sem rosto e só São Francisco de Assis se identifica pelas barbas e a auréola, bem como pela inclusão no seu manto humilde da natureza: o lobo metamorfoseado em dócil cão.

Já em 2016, quando passaram 70 anos sobre a morte de Afonso Lopes Vieira e a Câmara e Biblioteca Municipal lhe prestaram a merecida homenagem, o pintor Rui Pascoal apresentou alguns quadros elucidativos sobre o valor lúdico e penetrante das oito personagens / bichos / animais amigos perfeitamente pintados e poetizados dentro do espírito da criança que dá voz e fala com todos os seres vivos. O escritor e o pintor sabem que *ut pictura poesis* e a arte contemporânea tem sabido interpretar ler e dar novo folgo artístico àquilo que Lopes Vieira inaugurou de modo tão fulgurante que – se hoje ainda surpreende – tem capacidades e potencialidades para continuar a surpreender no futuro pela sustentabilidade ambiental e harmonia da natureza que antes do tempo de se ter tornado ‘moda’, ele lançou como um vestido singelo e verdadeiro.

Acredito que Afonso Lopes Vieira seria o primeiro a sentir-se próximo destas ilustrações e pinturas: as sensibilidades dos grandes artistas atualizam-se com e no futuro. O perfeccionismo do escritor continua de pé com esta cuidada e belíssima nova edição do clássico infantil, pela editora Parsifal, e com os quadros de Rui Pascoal. E continuará no futuro sempre que os nossos educadores se servem com prazer da leitura destes poemas para explorar e criar novos trabalhos na área das ciências naturais ou zoológicas.